

Um novo olhar sobre os bairros



PÁGINA 4

DESAFIO DO RECOMEÇO

Após enfrentarem enchente histórica do Rio Forqueta, moradores do bairro Imigrante tentam retomar rotina normal. Pelo menos 25 casas foram atingidas, sendo que oito delas estão comprometidas. Enquanto algumas famílias planejam a volta para seus lares, há quem esteja em busca de uma área mais segura.

A VOZ DO BAIRRO



Se você vai levar um idoso até o posto de Saúde do Olarias e não tem carro, precisa chamar um Uber. E se não tem o dinheiro para pagar a corrida, depende dos vizinhos”

CLEBER DE CASTRO, PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO BAIRRO IGREJINHA

ASSOCIAÇÕES DE MORADORES SE UNEM POR POSTO DE SAÚDE

Debate promovido pela Rádio A Hora 102,9 repercute desejo da comunidade dos bairros Igrejinha, Imigrante e Planalto em contar com uma unidade nesta região. Hoje, população é atendida no bairro Olarias. Com diretorias renovadas, entidades fortalecem laços e intensificam cobranças ao Poder Público.

PÁGINA 3

NA MEMÓRIA

LEMBRANÇAS DA ANTIGA PICADA SCHERER

Há cerca de 30 anos, os bairros Imigrante, Igrejinha e Planalto eram conhecidos por um único nome: Picada Scherer. Muitas das características rurais que os primeiros colonos encontraram ainda se mantêm. Ali, as histórias das famílias mais antigas foram passadas de geração em geração e, hoje, ajudam a contar um pouco sobre o passado de Lajeado.



PÁGINAS 8 E 9

Mesma cidade, realidades distintas

É inegável a posição destacada de Lajeado em diversos estudos e rankings, sejam eles nacionais ou estaduais. O bom desempenho em áreas variadas, naturalmente, atrai atenções à cidade, de população crescente e uma economia diversificada. Pontos positivos que se sobressaem. Mas que não podem ocultar os problemas e minimizar os desafios para o futuro.

Neste contexto, três bairros merecem uma atenção especial. Nem todos os lajeadenses sabem dizer, com exatidão, onde fica o Planalto. Muitos sequer pisaram no Igrejinha. E até confundem o Imigrante com um bairro da vizinha Estrela. Palavras de quem reside nessas localidades, o que diz muito sobre a forma como essa região da cidade é tratada.

Espremidos entre a BR-386, bairros mais populosos e o rio Forqueta, são comunidades com carências bem expostas. A infraestrutura urbana, em geral, é precária. O posto de saúde mais próximo nem é tão próximo assim. As áreas de lazer são escassas e a pouca oferta de horários no transporte público distanciam a população da área

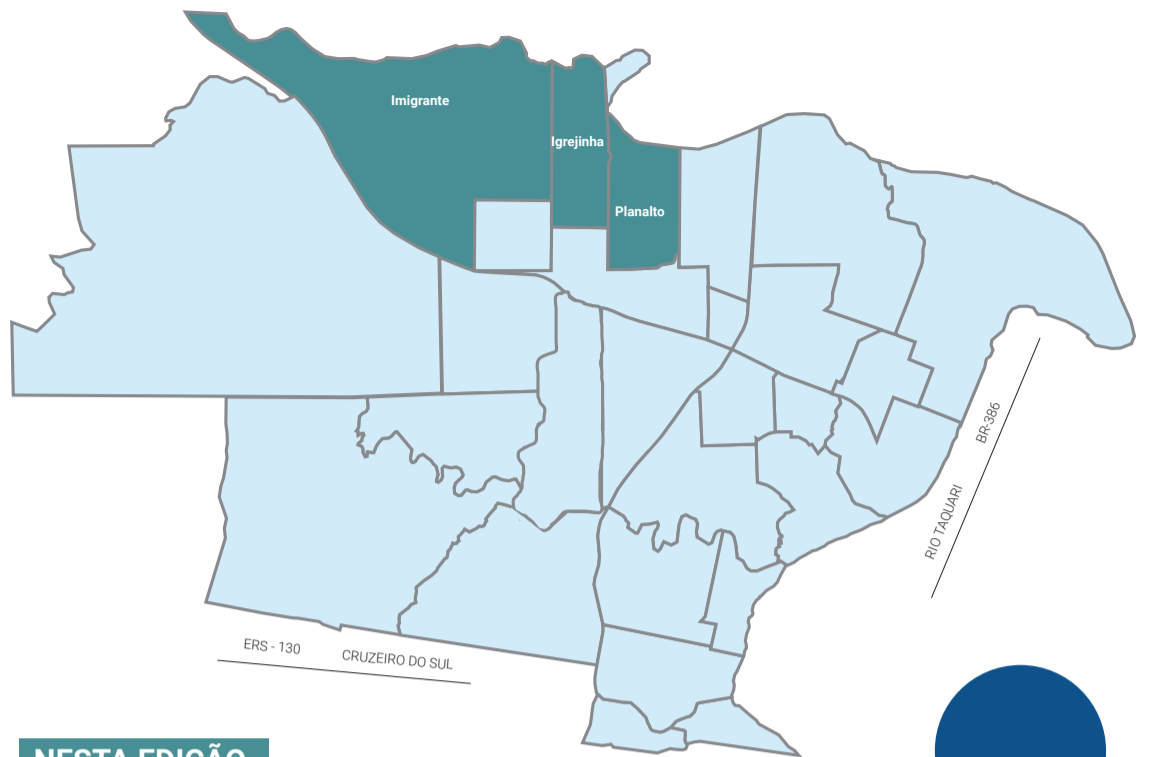
“

“Espremidos entre a BR-386, bairros mais populosos e o rio Forqueta, são comunidades com carências bem expostas”

central.

O isolamento não é uma exclusividade desses três bairros. Mas, pela distância do Centro, certamente é onde esse problema fica mais evidente, sem desmerecer o drama enfrentado por outras comunidades. Nem parece, mas estamos falando da mesma Lajeado do primeiro parágrafo. Mas com realidades bastante distintas.

Projetar o desenvolvimento sustentável, ordenado e igualitário de uma cidade passa por um olhar a todas as regiões da mesma forma. Priorizar um bairro em detrimento de outros, num curto prazo, pode não representar um grande prejuízo. Mas, no longo prazo, quem vai pagar o preço são os moradores. O que coloca em risco os índices tão comemorados por gestores.



NESTA EDIÇÃO

Igrejinha, Imigrante e Planalto: bairros unidos por um futuro melhor

Situados à direita da BR-386, no sentido Lajeado-Marques de Souza, os três bairros buscam um protagonismo em meio ao desleixo. Associações de moradores se queixam da falta de atenção do Poder

Público e do isolamento do restante da cidade. Como consequência, população busca unir esforços para fortalecer movimento comunitário e obter êxito no atendimento de demandas.

IMPRESSÕES SOBRE LAJEADO



Imagens aéreas mostram a semelhança entre os bairros **Planalto e Igrejinha**. Vizinhos, ambos contam com uma pequena disponibilidade de ruas pavimentadas e poucas áreas de lazer para a comunidade. Estritamente residenciais, possuem alguns pequenos comércios, como minimercados.



Um novo olhar sobre os bairros

EXPEDIENTE
GRUPCA HORA

PRODUÇÃO

TEXTOS
Mateus Souza
Raica Franz Weiss

ARTE E
DIAGRAMAÇÃO
Lautenir Azevedo
Junior

COORDENAÇÃO
EDITORIAL

Fernando Weiss
Felipe Neitzke

IMPRESSÃO

Gráfica da
Gazeta do Sul

ASSOCIAÇÕES DE MORADORES SE UNEM PARA COBRAR DEMANDAS EM COMUM

ELOISA SILVA

Movimento mais significativo é a organização de um abaixo-assinado para a construção de um posto de saúde que atenda aos três bairros. Dificuldades na formação de novas lideranças também preocupa

Com uma população conjunta estimada em quase 6 mil pessoas, os bairros Igrejinha, Imigrante e Planalto lidam diariamente com um desafio comum a outras localidades: a melhor oferta de serviços públicos. Para fazer frente às dificuldades no atendimento das demandas, as associações de moradores avaliam uma atuação conjunta na cobrança às autoridades.

A necessidade de uma maior união entre as comunidades, bem como os principais problemas enfrentados por moradores nortearam o debate do projeto “Lajeado – Um novo olhar sobre os Bairros” deste mês. Também foram destacadas virtudes das localidades por pessoas que cresceram e vivem até hoje nesses bairros.

Participaram do debate os presidentes das associações de moradores dos três bairros. Cleber de Castro representou o Igrejinha, enquanto Fábio Verruck está à frente da entidade no Imigrante e Joecir Lourenço falou sobre o Planalto. Agente comunitária de saúde com atuação nesta região de Lajeado, Neusa Nunes também levou suas impressões.

Uma das principais demandas que compreende os três bairros envolve o atendimento em saúde. Hoje, todos estão na área de abrangência da unidade existente no bairro Olarias. Contudo, o deslocamento até o posto é precário. As linhas de ônibus possuem poucos horários e nem todos tem condições de pagar por motorista de aplicativo.

Reunião com o secretário

Segundo Neusa, há um entendimento da população



Debate realçou importância das comunidades atuarem de forma conjunta



Nós queremos um posto de saúde que contemple efetivamente esses bairros. Vamos tentar uma reunião com o secretário de Saúde e, se não adiantar, faremos um abaixo assinado”

NEUSA NUNES,
LÍDER COMUNITÁRIA

de que a estrutura no Olarias é insuficiente para comportar a demanda de todos os bairros vizinhos – moradores do Centenário também tem aquela unidade como referência. Mesmo com o município projetando ampliação do prédio, o pedido da comunidade é por um novo posto.

“Nós queremos um posto de saúde que contemple efetivamente esses bairros. Vamos tentar uma reunião com o secretário de Saúde e, se não adiantar, faremos um abaixo assinado. Não vamos parar



Os mais antigos trabalharam muito. Meus tios ficaram anos envolvidos na associação de moradores, mas desistiram porque bateram, bateram e nada aconteceu”

JOECIR LOURENÇO,
PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO PLANALTO

de cobrar”, salienta Neusa. O pedido é reforçado também pelos presidentes das associações.

Castro, que cresceu e reside há mais de 30 anos no Igrejinha, frisa que, para boa parte dos moradores, é inviável o deslocamento até o posto. Seja pela “Se você vai levar um idoso até o posto de saúde do Olarias e não tem carro, precisa chamar um Uber. E se não tem o dinheiro para pagar a corrida, tem que depender dos vizinhos. Então a situação é bem precária para nós, dos três bairros”.

Possível ampliação

Lourenço lembra que, antigamente havia uma sala no Planalto onde havia atendimento médico de duas a três vezes por semana. No entanto, esse serviço foi extinto e, desde então, os trabalhos foram absorvidos pela unidade do Olarias. No entanto, não supre a necessidade dos moradores, que sofrem com as dificuldades de deslocamento.

“O próprio município fala em ampliar o posto de saúde. Mas será que só isso adianta?, questiona. Neusa realça que algumas ações foram feitas pela secretaria para tentar aproximar os profissionais de saúde das comunidades. “Só que cada vez que acontece alguma coisa no município, o pessoal não vai. E o posto de saúde tem uma base de 10 mil atendimentos por mês. Acho que cerca de 6 mil são apenas desses bairros”.

“Não tem nada”

Verruck assumiu a presidência da Associação de Moradores do Imigrante este ano. E, de cara, percebeu o tamanho do desafio, visto que o bairro possui uma infraestrutura urbana defasada, com apenas uma rua pavimentada.

“Eu me choquei, porque não tem nada no nosso bairro. Não tem área de lazer. Nossa escola é uma das mais antigas e nunca teve asfalto. E existe lei onde fala que é obrigatório ter pavimentação em

frente às escolas. Mas nem assim conseguem colocar em prática. E como 80% dos nossos moradores são de idade, batemos muito na questão da saúde e das ruas”, frisa.

Também assuta Verruck o desconhecimento em relação ao bairro. “Quando comentamos com alguém sobre o Imigrante, muitos pedem: mas onde que fica? Nosso bairro não é conhecido. Para os mais antigos, ainda somos da Picada Scherer. Mas somos bairro desde 1995 e, desde então, lutamos muito e nada foi conquistado”.

Participação

Os três presidentes também buscam movimentar as comunidades, com maior participação das pessoas nas associações de moradores. No entanto, em virtude das demandas não atendidas pelo Poder Público e os pedidos que se repetem há décadas, muitos desistem de seguir atuantes. Este também é um dos motivos de preocupação.

“Vieram conversar comigo para fazermos a chapa para a diretoria. Eu concordei, porque está faltando muita coisa para nós. Os mais antigos trabalharam muito. Meus tios ficaram anos envolvidos na associação de moradores, mas desistiram porque bateram, bateram e nada aconteceu. Então agora tenho mais duas, três pessoas que estão comigo. Vamos fazer o possível”, comenta Lourenço.

ENCHENTE ATINGE 25 FAMÍLIAS E MORADORES BUSCAM RECOMEÇO

FOTOS MATEUS SOUZA

Cheia do Rio Forqueta atingiu patamares históricos e deixou pelo menos oito casas sem condições de habitação no Imigrante. Desabrigados recorreram a familiares e amigos enquanto tentavam retornar para seus lares. No entanto, há pessoas que pretendem buscar novos ares

“É um drama que eu não quero nunca mais reviver. Se ocorrer de novo, vamos sair daqui”. As palavras de Gerani Terezinha Weissheimer, remetem à enchente histórica enfrentada por moradores do bairro Imigrante, no começo de maio. A família dela está entre as 25 da localidade que tiveram prejuízos com a inundação do Rio Forqueta.

As águas atingiram locais, até então, inimagináveis para uma comunidade formada, em sua maioria, por pessoas mais velhas. Via principal do bairro, a rua Wilibaldo Eckardt teve trechos totalmente inundados. Mesmo áreas consideradas mais altas ficaram submersas. Os prejuízos para o bairro são imensos. E o medo de uma debandada preocupa aqueles que pretendem ficar.

Gerani reside na propriedade com o marido há mais de 40 anos. Nesse tempo, nunca havia entrado água na casa. Nem mesmo na cheia de setembro do ano passado, até então a maior já vivenciada por ela. Desta vez, a situação foi bem diferente. A enchente não só alcançou a residência como também inundou cômodos e danificou móveis,

eletrodomésticos, roupas e alimentos.

“Tapou quase todo o segundo piso da casa. Nós saímos daqui resgatados por vizinhos, de caíque. Apenas com a roupa do corpo”, recorda Gerani, que aproveitara as semanas ensolaradas do começo deste mês para fazer a limpeza do local. Já são quase dois meses instalada provisoriamente em um outro imóvel na mesma rua, mas numa parte mais alta, distante do risco de cheia.

“Foi muito rápido”

Os alertas emitidos por institutos de meteorologia preocupavam a família de Gerani. Afinal, em setembro, a enchente esteve perto de entrar na casa dela. Porém, não contavam com a rápida elevação do Forqueta, que atingiu níveis históricos em maio. Não houve tempo suficiente para conseguir resgatar tudo.

“Quando percebemos que estava se aproximando e não parava de subir, puxamos tudo para cima e ficamos ali esperando passar. Mas quando vimos que iria chegar no segundo andar, não tinha muito o que fazer. Foi muito rápido. Passamos aquela noite dormindo



Schuster não pretende voltar a morar no lugar que foi seu lar por décadas

dentro do carro, na propriedade de uma vizinha”, lembra.

Praticamente tudo o que tinha na casa foi perdido. A exceção foram os documentos pessoais dela e do marido e algumas roupas. “Já conseguimos roupeiro, mesa e alguns outros móveis. Faltam alguns eletrodomésticos, mas o básico nós temos para voltar”.

“Não dá para acreditar”

Todo o sonho de uma vida arrasado em poucas horas. Aos 65 anos, Lauro Schuster vive dias angustiantes após ver sua casa ser inundada pela enchente. Ele reside na parte mais baixa da Wilibaldo Eckardt, a mais atingida pelo evento climático. Mesmo assim, não esperava que o efeito da cheia fosse tão devastador.

“Criei meus três filhos aqui. Sobrou só a churrasqueira e um fogão. Não dá para acreditar no que aconteceu. Nunca tinha visto nada parecido”, recorda, enquanto caminhava desorientado pelo que restou da casa. Nenhum cômodo escapou. Para voltar a ser reabitado, o imóvel precisaria de uma reforma completa, algo inviável para Schuster atualmente.

Aposentado, não pretende mais voltar para a casa que

“

Criei meus três filhos aqui. Restou só a churrasqueira e um fogão. Não dá para acreditar no que aconteceu”

LAURO SCHUSTER, APOSENTADO

R\$ 4 milhões em perdas

Com boa parte de sua extensão situada em área rural, o Imigrante também sente os reflexos dos prejuízos no campo. Conforme levantamento do escritório da Emater/RS-Ascar de Lajeado, as perdas na agricultura, pecuária e na fertilidade do solo estão estimadas em R\$ 4,2 milhões no município.

Somente na agricultura o prejuízo é estimado em R\$ 2,5 milhões. Na pecuária, a estimativa de perdas é de R\$ 890,6 mil. E na fertilidade do solo atingido pela enchente, estimando-se uma área de 140 hectares em Lajeado, os prejuízos chegam a R\$ 840 mil. As perdas na produção de milho, soja e hortaliças representam aproximadamente 30% da produção anual local.

se manteve de pé, há o desejo de procurar um outro lugar para morar.

“Essa foi a primeira e espero que a última vez na nossa casa. Se acontecer de novo, não sei se volto”, lamenta Gerani. A propriedade vai até às margens do Forqueta, com a área de várzea tendo sido devastada. A criação de animais se mantém na casa do filho, também atingida pela enchente.



Casa de Gerani tem dois pisos, mas ficou praticamente submersa na enchente

COMUNIDADE CLAMA POR ASFALTO

A Emef Capitão Felipe Dieter, do bairro Imigrante, não tem asfalto e nem calçamento na rua em frente. No bairro, as reclamações sobre o barro e a poeira excessiva são constantes em vários pontos. Expectativa é que situação melhore com a ampliação do educandário

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Capitão Felipe Dieter, no bairro Imigrante, é a única Emef de Lajeado que tem estrada de chão batido em frente à escola, na rua Wilibaldo Eckardt. Na quadra esportiva, os estudantes convivem diariamente com a poeira do tráfego intenso de veículos. Nos dias de chuva, a lama gruda nos calçados.

Diretora desde 2017, a professora Jeanine Auler acompanha o problema há anos, desde que iniciou na escola, em 2000. “Tem muita gente que usa essa rua como desvio da Polícia Rodoviária Federal ou das obras da BR-386”, explica. Além disso, a Wilibaldo Eckardt também é uma das principais vias para o escoamento de produção e tem tráfego constante de caminhões.

Conforme a diretora, em dias de sol, o problema é a nuvem de poeira que sobe toda vez que um veículo passa em frente à escola. Quando chove, o barro é o grande desafio, assim como os buracos. “A gente quase não vê manutenção da rua. As crianças chegam com os calçados cheios



RAICA FRANZ WEISS

Há 60 anos, Emef convive com a poeira. Obra de ampliação pode incentivar asfaltamento da rua Wilibaldo Eckardt

de barro no inverno”, cita.

A situação ficou um pouco pior depois da enchente de maio, já que o Rio Forqueta trouxe mais lodo para as proximidades da escola. Lajeado teve 16% do território inundado e o bairro Imigrante foi um dos mais afetados, pela primeira vez. Na escola, faltou apenas um degrau para a água invadir a estrutura.

“Eu cresci por aqui e sempre dizia que, no dia em que a

enchente entrar na escola, metade de Lajeado vai estar embaixo d’água”, comenta Jeanine. A enchente chegou na quadra esportiva e no salão comunitário, ao lado. A comunidade escolar se reuniu em mutirão para a limpeza e as aulas já foram normalizadas.

Projeto de ampliação

Dos mais de cem alunos da Emef, 70% vem com transporte escolar dos bairros vizinhos, a maioria do Igrejinha, Planalto e Centenário. A diretora salienta que um dos diferenciais é que a escola funciona em turno integral, do pré ao 5º ano, mas isso também diminuiu a capacidade de atendimento de mais alunos.

Por isso, um projeto de ampliação está em desenvolvimento. O município comprou o terreno ao lado da escola para ampliar o prédio, mas nenhum projeto oficial foi apresentado para a direção ainda. “O problema é que agora existem outras demandas e esse terreno foi invadido pela água”, avalia Jeanine.

A secretária de Educação de Lajeado, Adriana Vettorello, explica que o projeto está em andamento, e o planejamento da parte estrutural está pronto, faltam apenas as partes complementares. “A Secretaria de Planejamento já trabalha na planta e, ao que tudo indica, deve ser anunciada em outubro”, conta.

Apesar disso, a secretária não indica nenhum prazo para a execução da obra. “Assim que o projeto estiver finalizado, faremos a licitação e então iniciamos a construção, mas a ampliação vai

“

A rua fica alagada e bloqueia o acesso à Emef, deixando a escola ilhada. O projeto de ampliação deve levar isso em consideração, para garantir o acesso”

ADRIANA VETTORELLO,
SECRETÁRIA DE EDUCAÇÃO

acontecer”, reforça. No momento, o foco tem sido nas escolas mais atingidas pela enchente de maio.

A ideia é que sejam erguidas mais salas de aula e banheiros na Capitão Felipe Dieter, com possibilidade de aumentar o número de alunos até o 9º ano e ainda manter o turno integral até o 5º ano. O projeto, conforme a secretária, também contempla um refeitório, lavanderia, além do setor administrativo e de uma biblioteca. Por enquanto, por falta de espaço, a escola aluga o salão comunitário, onde as crianças fazem as refeições.

Quanto ao asfalto, Adriana diz que há possibilidade da pavimentação quando a construção da nova estrutura iniciar. “A rua Wilibaldo Eckardt fica alagada e bloqueia o acesso à Emef, deixando a escola ilhada. O projeto de ampliação deve levar isso em consideração, para garantir o acesso mesmo mediante alagamentos. Por



A gente quase não vê manutenção da rua. As crianças chegam com os calçados cheios de barro no inverno”

JEANINE AULER,
DIRETORA DA EMEF

“

O bairro é totalmente abandonado pelo Poder Público. Prometem asfalto há anos, pelo menos em frente ao colégio, e nunca foi feito”

FABIANA GUTJAHR,
MORADORA DO IMIGRANTE

isso, a rua também deve ser contemplada”, diz.

Poeira para além da escola

No bairro Imigrante, a maioria das ruas é asfaltada. A moradora Fabiana Gutjahr cita que a promessa por asfalto é antiga, mas nunca foi concluída. “O bairro é totalmente abandonado pelo Poder Público. Prometem asfalto há anos, pelo menos em frente ao colégio, e nunca foi feito”, cita.

Fabiana destaca que, além da falta de calçamento, não há nenhuma praça ou infraestrutura para os moradores. O próprio salão foi construído pela comunidade, com recursos próprios. Na rua Henrique Otto Scherer existe um pedaço de calçamento, mas foi custeado pelos próprios moradores.

“É questão de saúde pública, quem vive perto das vias, no verão, quando não chove por dias, tem problemas respiratórios, de tanta poeira que levanta, porque o fluxo de veículos é intenso”, defende.



MATEUS SOUZA

Nos dias de chuva, barro é o maior problema para os alunos, ainda mais depois da enchente de maio

MORADORES SE MOBILIZAM POR REFORMA DE SALÃO COMUNITÁRIO

FOTOS MATEUS SOUZA

Espaço de convívio no Igrejinha está interdito há mais de sete anos. Município cedeu material, mas entidade busca mão de obra entre os moradores para viabilizar trabalhos. Problemas de mobilidade também estão entre as demandas do bairro

P rincipal espaço para convívio da comunidade durante décadas, o salão comunitário do bairro Igrejinha possui um grande potencial para realização de eventos. No entanto, o imóvel está fechado há cerca de oito anos por má conservação. Reformá-lo é um dos objetivos principais da associação de moradores nos últimos anos.

Para conseguir efetuar a obra, a entidade conseguiu apoio do Poder Público, que se comprometeu em fornecer os materiais necessários. Já a mão de obra ficaria a cargo da própria comunidade. Contudo, a reforma ainda não saiu do papel, o que levanta dúvidas sobre o futuro do salão e o seu reaproveitamento.

Presidente da associação de moradores desde 2023, Cleber de Castro comenta que parte do material foi disponibilizado em março e está pronto para ser utilizado. “Nós queremos uma reforma total. Tem que tirar o telhado e fazer mais alto, pois o que tem ali está tudo podre. E o piso também precisa ser trocado e emparelhado, pois a pista é muito baixa”, comenta.

Com o salão reformado, Castro espera dar andamento ao trabalho na diretoria, que conseguiu quitar as dívidas antigas da entidade. Para isso,

“

Nós queremos uma reforma total. Tem que tirar o telhado e fazer mais alto, pois o que tem ali está tudo podre”

CLEBER DE CASTRO,
PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO IGREJINHA

espera também engajamento das pessoas. “O salão está ali. E a mão de obra é nossa. Se a cada sábado estivermos trabalhando e uma pessoa carregar madeira e tijolo, a obra anda mais rápido”.

O salão comunitário foi construído há mais de duas décadas, com mão de obra comunitária. Além da reforma do espaço, há planos para a construção de um ginásio. No entanto, o próprio governo municipal já afirmou que não há um prazo de execução.

Problemas de mobilidade

A comunidade do Igrejinha também



Castro assumiu entidade em 2023, pagou dívidas e agora quer viabilizar reforma de salão

se queixa de problemas na mobilidade urbana. As principais ruas por onde circulam os ônibus do transporte coletivo urbano estão esburacadas. Mesmo a Henrique Carlos Becker, que é asfaltada em boa parte de sua extensão, apresenta danos estruturais que prejudicam motoristas e pedestres.

“Sempre quando solicitamos

melhorias, demoram para aparecer”, lembra Castro. Outras vias consideradas “problemáticas”, conforme ele, são as ruas Esmeralda, Ametista - por onde passa o caminhão de lixo - e a avenida Diamante. Nelas, há trechos de chão batido com buracos que dificultam a trafegabilidade.

Já a oferta de horários de ônibus atual não atende às demandas da população, segundo o presidente da entidade. “Reclamavam muito da antiga concessionária do serviço, mas antes tínhamos ônibus de hora em hora aqui.

Agora, tem um às 6h e se perde, depois somente às 10h. São horários muito espaçados”, lamenta.

Além disso, abrigos como o existente na rua Henrique Carlos Becker apresentam condições precárias. O ponto é muito utilizado por alunos que frequentam escolas de bairros vizinhos.

Lazer

Outra carência apontada no Igrejinha é falta de espaços de lazer. As duas praças existentes atualmente estão em condições precárias. Conforme a agente de saúde e líder comunitária, Neusa Nunes, o muro de uma das praças desabou, mas até hoje não foi trocado.

Já o campo de futebol do Esporte Clube Guarani é bastante utilizado. No entanto, a Associação de Moradores sente falta de um campinho de dimensões menores, como existem em outros bairros da cidade.



Abrigo de ônibus na rua Henrique Carlos Becker apresenta problemas

Outro pedido de moradores é por melhorias nas áreas de lazer, como as praças



INFRAESTRUTURA URBANA PRECÁRIA EXIGE SOLUÇÕES



MARCOS RUSCHEL

Via sem pavimento é um dos principais acessos de moradores à escola

Poucas ruas do Planalto contam com pavimentação. Um dos pedidos é para pavimentar continuidade de via que dá acesso à escola. Obra de ponte do exército cria corredor logístico dentro do bairro

escola se deslocam por essa via. Também é caminho para o ginásio da instituição de ensino e, ainda, ao campo de futebol sintético, uma das principais atrações do bairro.

“É um acesso bastante importante para nós. O ideal seria que esse trecho, bem como o da rua Antônio Jovenil da Silva fossem calçados. Tem aquele projeto de pavimentação comunitária, mas é muito difícil conseguir executá-lo aqui. Seria importante o município nos dar uma ajuda”, salienta Paulus.

Parte da Miguel Paulus foi pavimentada na década passada. O trecho onde as obras ocorreram, no entanto, compreende apenas uma quadra, entre as ruas Ireno Schena e Pedro da Silva Rosa. Já o pleito da comunidade é para que a pavimentação ocorra até o fim da rua, nos fundos do ginásio da escola.

Sede da entidade

Paulus também ressalta a luta por um espaço próprio da Associação de Moradores, que chegou a ter suas atividades interrompidas por falta de interessados. Ele, que já foi presidente e está envolvido há mais de três décadas na entidade, defende a construção de uma sala junto ao local onde hoje está a academia ao ar livre, na rua Etwinho Theobaldo Thomas.

“Vamos encaminhar um projeto

para nossa sede própria. Ficamos quatro anos sem atividades. Agora estamos retomando”, comenta. O local citado por Paulus, no entanto, não é unanimidade entre os demais integrantes da diretoria.

Presidente da Associação de Moradores, Joecir Lourenço comenta que está em busca de áreas dentro do bairro para que possa ser construído um ginásio ou um salão para uso da comunidade. “Essa é uma questão que vamos bater muito para conseguirmos”, adianta.



MATEUS SOUZA

Associação de Moradores busca construir sede própria nas imediações de área de lazer



“É um acesso bastante importante para nós (rua Miguel Paulus). O ideal seria que esse trecho, bem como o da rua Antônio Jovenil da Silva fossem calçados”

MARINO PAULUS,
VICE-PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO
DE MORADORES DO PLANALTO

Movimento crescente

Desde maio, a movimentação de veículos e máquinas cresceu no Planalto. O motivo é a ponte metálica que será montada pelo Exército Brasileiro sobre o Rio Forqueta, interligando Lajeado e Arroio do Meio. A passagem temporária permitirá a travessia de caminhões, o que não é possível pela Ponte de Ferro.

O acesso à estrutura em Lajeado se dará pela rua Romeu

Júlio Scherer. Neste momento, os trabalhos estão concentrados na construção da cabeceira para instalação da ponte. Depois, o município deve mobilizar a operação nos acessos para os veículos para deixá-las em condições de trafegabilidade, visto que boa parte da via sequer possui pavimentação asfáltica.

“Isso com certeza vai trazer muito movimento para o nosso bairro. Esperamos que deixem as ruas em condições”, comenta Paulus. A expectativa dos governos de Lajeado e Arroio do Meio e do Exército é de que a ponte esteja pronta para uso em agosto. Ela permanecerá no local até que seja construída e entregue a ponte da ERS-130.

Em entrevista à Rádio A Hora 102,9, o prefeito Marcelo Caumo não descartou a possibilidade de uma ponte permanente no local. “O grosso está feito. Caso os municípios de Lajeado e Arroio do Meio queiram manter uma nova ligação municipal, sobraria o asfaltamento, que não vai ser possível no momento, e um tablado de 50, 60 metros de extensão. Não precisaria de pilar”.

Local onde será montada ponte metálica pode ter estrutura permanente no futuro



MATEUS SOUZA

AS MEMÓRIAS DA ANTIGA PICADA SCHERER

Há mais de 100 anos, as primeiras famílias se estabeleceram nos territórios que hoje são os bairros Imigrante, Igrejinha e Planalto. De lá para cá, muitas das características rurais se mantiveram e, nas famílias centenárias, as velhas histórias ainda são passadas de geração em geração

Quase 150 anos depois dos primeiros colonos chegarem a essas terras, os bairros Imigrante, Igrejinha e Planalto ainda conservam traços daquela época. Seja pelo chão batido da maioria das estradas ou pelo território que ainda é majoritariamente rural.

Há pouco mais de três décadas, essas localidades eram conhecidas por um único nome: Picada Scherer. Isso porque ainda no século XIX, o imigrante Johann Jacob Scherer comprou uma grande parcela dessas terras.

Com ele, veio a esposa e os filhos, entre eles, o avô de Flávia Scherer Gutjahr, mais conhecida como Lisa. Aos 70 anos, ela ainda mora na casa onde cresceu, no bairro Imigrante, próxima à Escola Municipal Capitão Felipe Dieter.

“Todo mundo sempre foi agricultor por aqui. Conforme cresceram as novas gerações,

“

Conforme cresceram as novas gerações, os antigos lotes do bisavô foram sendo vendidos e o bairro foi crescendo”

FLÁVIA SCHERER GUTJAHR,
MORADORA DO IMIGRANTE

os antigos lotes do bisavô foram sendo vendidos e o bairro foi crescendo”, explica.

Casa centenária

Um pouco mais adiante, outra família antiga do Imigrante conserva uma casa histórica. Shirlei Dieter, 58, conta com orgulho a história da família na

localidade. O bisavô dela é quem dá nome a única escola do bairro: Felipe Dieter.

Dieter era filho de um imigrante alemão e foi voluntário na Guerra do Paraguai, onde conquistou a patente de Capitão. Depois do conflito, nos anos 1870, aposentado, comprou três colônias na Picada Scherer, para onde se mudou com a família. No bairro, ergueu uma das mais antigas casas de Lajeado, em estilo enxaimel.

Bisneta do capitão, Shirlei conta que a casa da família servia como um pequeno cartório na época. “Ele, e depois meu avô, fazia registros para as pessoas aqui da comunidade, já que



FLÁVIA SCHERER



ROMEU AMMES

falava português e alemão”, cita. Shirlei é a mais nova de oito irmãos e, hoje, é ela quem preserva o legado da família.

Luta pela educação

Até a Emef Capitão Felipe Dieter ser inaugurada, há mais de 60 anos, as crianças do bairro tinham que caminhar quilômetros até o bairro Olarias, próximo ao Cemitério Evangélico, ou até Conventos, no atual Colégio Sinodal.

A situação mudou em 1961, quando o avô de Shirlei, Pedro Júlio Dieter, doou terras para a escola, ao lado da casa da família. “Eu ficava na cama até escutar a sineta, daí eu levantava correndo e ia para aula”, lembra Shirlei.

Toda a comunidade se envolveu na construção do educandário, erguido em um mês e inaugurado em março de 1961, com uma grande festa. Na ocasião, o pai de Shirlei, Walter Dieter, pediu ao prefeito da época, Bruno Born, que a nova escola recebesse o nome de Capitão Felipe Dieter, uma homenagem à família que cedeu o terreno. As aulas iniciaram no dia

seguinte para mais de 40 alunos, da 1ª a 5ª série. A pequena escola, feita em madeira, tinha somente uma sala de aula na época e ficava no terreno onde hoje está a quadra esportiva da Emef.

Quem conhece bem a história da escola é a atual diretora do educandário, Jeanine Auler. O pai cresceu no bairro Imigrante, numa família de agricultores, e a mãe, Nadir Kaufmann, foi a



Meus pais se conheceram quando minha mãe veio dar aulas aqui. Depois de casados, a casa da nossa família ficava ao lado da escola”

JEANINE AULER,
DIRETORA DA EMEF
CAPITÃO FELIPE DIETER

ACERVO EMEF CAPITÃO FELIPE DIETER



A primeira turma a ter aulas na Emef Capitão Felipe Dieter, em 1961. Ao fundo está o antigo prédio de madeira



RENATO ETGETON



SHIRLEI DIETER

primeira professora da Emef. “Meus pais se conheceram quando minha mãe veio dar aulas aqui. Depois de casados, a casa da nossa família ficava ao lado da escola”, conta Jeanine. Ela e os seis irmãos estudaram na Capitão Felipe Dieter e, desde 2000, ela trabalha no educandário.

50 anos no bairro

Quando Romeu Ammes, 75, se mudou com a esposa e os dois filhos para o Igrejinha, a localidade fazia parte da antiga Picada Scherer. Sem asfalto, sem água encanada e sem energia elétrica. Nessas condições a história dos Ammes começou no bairro. Essa era a realidade da maioria das famílias. “Aqui era tudo colônia ainda, com roça e mato. Tive que puxar os fios de luz lá em casa”, lembra.

As terras pertenciam à família Etgeton e, Ammes, natural de Arroio do Meio, comprou nove hectares da propriedade. “Eu tinha terrenos até o Forqueta, plantava soja no Planalto. Isso aqui era interior, então foi difícil trazer uma estrutura mínima para cá”, recorda. A água foi uma luta. Por muitos anos, Romeu teve de ir buscar baldes de água nos vizinhos, de carroça. O encanamento só chegou nos anos 1980.

O salão da comunidade foi outra luta. “Esse é o meu maior orgulho. Esperamos por anos a prefeitura erguer, mas foi a comunidade quem construiu. Eu passei de casa em casa, fiquei oito dias andando pelo bairro e perguntando quem



Eu fui um dos 24 sócios fundadores, nem sabia jogar bola direito quando começamos [o Esporte Clube Amador de Picada Scherer]”

SILVIO BLACK,
MORADOR DO IMIGRANTE



Ele [Capitão Felipe Dieter] fazia registros para as pessoas aqui da comunidade, já que falava português e alemão”

SHIRLEI DIETER,
MORADORA DO IMIGRANTE
E BISNETA DO CAPITÃO

queria ajudar a pagar, quem gostaria de ser sócio honorário”, recorda. As janelas ainda hoje carregam os nomes de quem ajudou com doações.

Ammes ainda lembra que, quando se mudou para o Igrejinha, nos anos 1970, a velha igreja adventista estava abandonada. “Ela foi reformada depois e, na década de 1990, lembro que fui um dos que ajudou a nomear o bairro. Sempre achei que a comunidade devia honrar o seu passado, e a gente sempre usou a igreja como referência de localização, por isso ficou o nome”, explica.

A igreja histórica

A maioria das terras que hoje formam o bairro Igrejinha eram da família Etgeton. “Meu avô veio da Alemanha e meu pai foi comprando esses terrenos, ele era um bom negociante”, lembra Renato Etgeton, 74. O pai dele, Willibaldo Etgeton, tinha em torno de 100 hectares que mais tarde dividiu entre os seis filhos.

“Meu irmão pegou a parte dele e dividiu em terrenos menores, dando origem ao Loteamento Etgeton”, conta. Por volta dos anos 1990, a prefeitura vendeu esses lotes a preços mais acessíveis.

A velha igreja adventista, que dá nome ao bairro, foi erguida em 1939. “Foram meu pai e meu avô que construíram ela. O pai ia



Aqui era tudo colônia ainda, com roça e mato. Tive que puxar os fios de luz lá em casa”

ROMEY AMMES
MORADOR DO IGREJINHA

até Forquetinha buscar tijolos, de carroça, passava pela antiga ponte de ferro”, lembra Renato.

Etgeton cresceu no bairro e depois criou os quatro filhos na localidade. Da infância, lembra de assistir os tropeiros vindo com o gado de Soledade, pela estrada velha, que passava pelo bairro Olarias, antes da BR-386. “Minha família costumava ir para o Centro de Lajeado vender produtos coloniais. Nunca esqueço que minha mãe vendia 150kg de moranguinho para o velho sorvete Urso Branco”, lembra.

Além das atividades rurais, o pai de Renato administrava também uma olaria de tijolos, perto do Rio Forqueta, no que é hoje o bairro Planalto. “Peguei muita terra ali na várzea para a olaria. Trabalhei com meu pai até os 23 anos, fazíamos uns 300 mil tijolos por mês”, conta Renato. Ele abriu o negócio próprio mais tarde, também uma olaria, que administrou por quase 40 anos. Hoje, o filho Emerson empreende no bairro, com uma cascalheira.

História de gerações

Quem também cresceu por entre esses três bairros foi Silvio Black, 75. Morador da Picada Scherer desde 1957, teve a casa invadida pela água na enchente de maio. “Uma pena, perdemos muitas fotos e documentos”,

recorda. Black não foi o único. Registros antigos da comunidade ficaram ainda mais raros depois das recentes cheias.

Mas a memória de Silvio ainda lembra bem do ano de 1964, quando tinha 15 anos, e foi fundado o Esporte Clube Amador de Picada Scherer. “Eu fui um dos 24 sócios fundadores, nem sabia jogar bola direito quando começamos”, brinca. Na época, os Dieter cederam um terreno para o campo. Em 1975, iniciaram a construção de uma sede para o clube.

Black jogou bola até os 25 anos, mas continuou o trabalho no amador nas décadas seguintes. “Sempre participei, fui presidente, tesoureiro. Fazíamos festas para angariar recursos, minha esposa até ganhou o apelido de ‘mãe dos pastéis’ porque estava sempre envolvida na cozinha”, recorda.

A estrutura do antigo clube ainda está de pé, na rua Wilibaldo Eckardt, mas está desativada há anos. Nas seis décadas de funcionamento do clube de futebol, muitas gerações passaram pelo gramado. “Desfiz a sociedade no ano passado. As amizades que construí nesses anos todos valem ouro, foram bons tempos”, lembra. Hoje, Black vê o neto calçar a chuteira e levar um pouco da história da família no futebol.



Foram meu pai e meu avô que construíram a igreja. O pai ia até Forquetinha buscar tijolos, de carroça, passava pela antiga ponte de ferro”

RENATO ETGETON,
MORADOR DO IGREJINHA

ACERVO FLÁVIA SCHERER GUTJAHR



Foi nos anos 1980 que iniciaram a construção de uma igreja para a comunidade católica de Picada Scherer

ENTRE A FALTA DE INVESTIMENTOS E A TRANQUILIDADE

Problemas se sobrepõem às qualidades do Igrejinha, Imigrante e Planalto. Apesar disso, comunidade destaca boa convivência entre a vizinhança

Lugar tranquilo, aconchegante e onde os vizinhos possuem bom relacionamento, além de um custo de vida acessível. Falta de calçamento nas ruas, animais abandonados e pouca oferta de comércios e outros estabelecimentos. Bairros vizinhos, Igrejinha, Imigrante e Planalto possuem muito em comum. Tanto nos pontos positivos quanto nos desafios para melhorar a vida da comunidade.

Aspectos e problemas ficam evidentes em pesquisa conduzida pela Macrovisão, a pedido do Grupo A Hora. No levantamento, também há menções sobre a infraestrutura dos bairros e também de situações que incomodam moradores, como drogadição e presença de ratos e baratas nas ruas.

A pesquisa, braço do projeto “Lajeado – Um novo olhar sobre os bairros”, foi feita entre os dias

4 e 23 de março de 2023 e teve um grau de confiança estatístico de 95%. O estudo foi desenvolvido através de um questionário estruturado, com algumas questões abertas, definido de comum acordo entre as partes interessadas.

“Questionando os entrevistados para destacar de forma espontânea pontos positivos e negativos, é possível conhecer mais detalhes do que os moradores valorizam na sua qualidade de vida”, destaca o diretor da Macrovisão, Lucildo Ahlert.

Serviços públicos

Ainda que sejam bairros estritamente residenciais – sendo que o Imigrante reserva laços rurais –, a dificuldade de acesso a alguns serviços é alvo frequente de queixas dos moradores. São situações relatadas também na avaliação da qualidade dos serviços.

As menores notas estão relacionadas a problemas de infraestrutura – vias para caminhar, ciclovias e equipamentos para a prática de esportes –, além de animais na rua e a drogadição. Já a área da educação concentra os serviços com melhor avaliação. Também se destacam programas para a terceira idade e abastecimento de água.

Impressões dos moradores

– “Local tranquilo e aconchegante”, “bom de morar” e “há segurança” dominam os significados dos bairros para os moradores. A união entre os moradores e a boa vizinhança também são mencionados por entrevistados;

– Para 75% dos entrevistados, a qualidade de vida nos três bairros é considerada “boa”, enquanto 17,9% consideram como “muito boa”. Apenas 7,1% citam como “ruim ou regular”;

– Quase 43% das pessoas ouvidas na pesquisa avaliam como “boa” a possibilidade de encontrar moradias para o seu padrão nos bairros. Outros 43% destacam como “muito boa”, enquanto consideram 14,3% consideram “ruim ou regular”;

– Por outro lado, o número de pessoas que consideram “ruim” a avaliação das oportunidades de emprego nos bairros chama atenção, chegando a 35,7%. Os que consideram “regulares” totalizam 42,9%, enquanto apenas 21,4% afirmam que são “boas”;

– As comunidades estão satisfeitas com a avaliação das oportunidades de lazer e diversão nos bairros. Mais de 53% consideram como “muito boas”, enquanto 21,4% acham “boas” e 25% citam como “ruins ou regulares”;

– Quase 80% acreditam que é necessário novos loteamentos nessa região, enquanto 17,9% discordam;

– Já a perspectiva de crescimento e desenvolvimento no setor é positiva, com 85,7% dos entrevistados considerando “boa” e apenas 14,3% avaliando como “péssima ou regular”.

Avaliação da qualidade dos serviços*

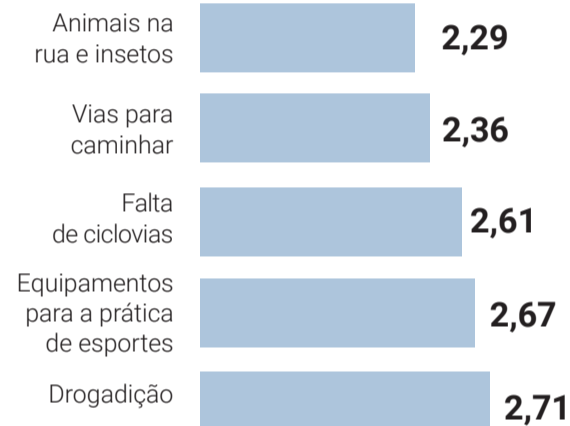
(*) Escala de 1 (péssimo) a 5 (muito bom)



MAIORES NOTAS



MENORES NOTAS



Questionando os entrevistados para destacar de forma espontânea pontos positivos e negativos, é possível conhecer mais detalhes do que os moradores valorizam na sua qualidade de vida”

LUCILDO AHLERT,
DIRETOR DA MACROVISÃO

Pesquisa inédita

LAJEADO

Um novo olhar sobre os bairros

O levantamento da Macrovisão, contratado pelo Grupo A Hora, traz uma radiografia dos 27 bairros de Lajeado (o Jardim Botânico foi sancionado apenas em abril).



Percepção da comunidade sobre os bairros



PONTOS POSITIVOS

- Lugar tranquilo
- Boa infraestrutura
- Pessoas do bem
- Qualidade de vida
- Custo de vida acessível



PRINCIPAIS PROBLEMAS

- Falta de calçamento/asfalto
- Animais abandonados
- Drogadição e tráfico
- Faltam lixeiras
- Ratos e baratas



ASSUNTOS A SEREM RESOLVIDOS

- Mercado e comércio no bairro
- Pavimentação de todas as ruas
- Serviços públicos no bairro
- Melhoramento e conservação de ruas
- Recolhimento de animais abandonados



MATEUS SOUZA

mateus@grupoahora.net.br

Luz à perimetral esquecida



PROGRAME-SE	
14 DE JULHO	Festa do Colono e Motorista Local: Salão Comunitário do bairro Imigrante
19, 20 e 21 DE JULHO	7º Moto Rock Lajeado Local: Parque de Eventos, no bairro São Bento
21 DE JULHO	Gramado Cultural Local: Centro Cultural Univates

Reforma ou posto novo?

No debate deste mês na Rádio A Hora, ficou evidente o desejo da comunidade por um posto de saúde que atenda aos bairros Igrejinha, Imigrante e Planalto. Hoje, todos estão vinculados à unidade do Olarias. Motivos não faltam para os moradores defenderem uma estrutura nova nesta região da cidade. Por ora, entretanto, os planos do governo de Lajeado indicam uma reforma e ampliação da unidade atual.



Inadmissível

Estamos em junho de 2024 e a sexagenária Escola Capitão Felipe Dieter segue sem acesso asfáltico. Sim, é isso mesmo. Faz mais de 60 anos que a instituição atende alunos do Imigrante e de bairros vizinhos. Desde os tempos da antiga Picada Scherer. Mas a obra, tão desejada pela comunidade escola, segue no papel. A realidade é dura para professores, funcionários, pais e alunos. Da poeira no verão à umidade e o barro em dias chuvosos no inverno, é inadmissível – para dizer o mínimo – uma escola do município não ter o entorno pavimentado.

A construção de uma ponte metálica temporária para reconectar Lajeado e Arroio do Meio de forma provisória colocará em evidência uma rota esquecida da cidade. Rua que liga o bairro Imigrante ao Planalto, a Wilibaldo Eckardt tinha potencial para se tornar uma perimetral. Isso, inclusive, está previsto no Plano Diretor, a partir

de uma interligação de Conventos com Carneiros, passando pela rua Henrique Otto Scherer e também a avenida Rio Grande do Norte. No entanto, nunca passou do campo das projeções. Quem sabe agora essa possibilidade ganhe alguma força. Afinal, quanto mais caminhos alternativos para uma distribuição do trânsito de veículos, melhor.



DAS RUAS

ANTES E DEPOIS



2011



2022

Imagens do Google Street View mostram o início da Romeu Júlio Scherer, no bairro Planalto, próximo à esquina com a rua João Goulart. Em 2011, o trecho sequer tinha asfalto e era pouco habitado. Em 2022, a via está totalmente pavimentada, com canteiro separando as duas pistas, e algumas construções no entorno.

– Cresce a importância da avenida Alberto Pasqualini como corredor de ligação entre Lajeado e Arroio do Meio. Enquanto a ponte sobre a ERS-130 não é construída, a via será o acesso provisório entre as duas cidades. E isso exige manutenção constante do trecho, já esburacado. Além disso, o alargamento se faz cada vez mais necessário.

– A buraqueira da Carlos Spohr Filho está com os dias contados. O trecho entre o entroncamento com a ERS-130 e o Posto Moinhos recebe novo capeamento asfáltico. O investimento do município é de cerca de R\$ 800 mil. Além de ser um acesso secundário importante, a rua também concentra duas gigantes do setor de alimentos da cidade: a BRF e a Minuano.

– Já a Bento Rosa precisará de uma reestruturação completa do trecho entre a ponte seca e as proximidades da Associação Atlética Municipal. Assim como as casas localizadas às margens

da via, o asfalto, em muitos pontos, não existe mais. É uma rota alternativa para a Univates e, futuramente, pode ser útil para desafogar o trânsito pesado da Pasqualini.

– O Parque Ney Santos Arruda resistiu bem à enchente de setembro. Desta vez, a área de lazer às margens do Rio Taquari foi devastada. Além da limpeza para que o espaço volte a ser frequentado pela comunidade, há dúvidas sobre as condições dos brinquedos. E como fica a exploração dos espaços para fins gastronômicos? Uma dúvida pertinente.

– Bairros inteiros precisam ser repensados. O Conservas é um deles. O entorno da avenida Beira Rio não pode voltar a ser habitado. No Carneiros, a área rural, conhecida pelas belezas naturais, está irreconhecível. Difícil imaginar, no entanto, que famílias não voltem a residir no Centro Histórico. A não ser que o município proíba.

A segurança para você viver bem **PASSA POR AQUI**

A Imojel oferece terrenos em áreas seguras e de fácil acesso a tudo que você precisa

Toda nossa **Experiência** está aqui com um grande propósito: **MUDAR A SUA VIDA.** Para melhor!

Fale com a gente e conheça as oportunidades que temos para você.

Seja qual for o tamanho do seu sonho,
experiência
muda tudo.



Conheça os empreendimentos IMOJEL. Nós temos o imóvel que você precisa.



Terreno – Conventos - Lajeado
Cód/Ref. V162

Loteamento Sinodal
Rua Ademar Miorando
Lote com pavimentação



Área total 360m²
Valor R\$ 105.000,00



Terreno – Campestre - Lajeado
Cód/Ref. V191

Terreno com localização privilegiada
Pavimentação asfáltica
Ótima opção para construir sobrados



Área total 367m²
Valor R\$ 169.000,00



Terreno – Bom Pastor - Lajeado
Cód/Ref. V133

Loteamento Caminho dos Conventos
Fácil acesso para a BR-386
Possui ruas asfaltadas



Área total 200m²
Valor R\$ 93.500,00



Terreno – Olarias - Lajeado
Cód/Ref. V45

Loteamento Residencial do Sol
Localizado na divisa entre Olarias e Centenário



Área total 217m²
Valor R\$ 86.000,00

Conheça todos nossos imóveis em
www.imojel.com.br

Fone:
(51) 3714.2555

PLANTÃO
(51) 99622.8113



IMOJEL[®]
Construtora e Incorporadora